

## **GUIMARÃES, Djalma**

\*geólogo.

Nasceu em Santa Luzia (MG), em 5 de novembro de 1894. Em 1913, ingressou na Escola de Minas de Ouro Preto, diplomando-se engenheiro de minas e civil. Por ter se destacado durante o curso, obteve como prêmio uma viagem à Europa. Contudo, abriu mão da distinção para iniciar suas atividades como engenheiro-chefe do tráfego da Estrada de Ferro Teresópolis, em 1920. Nesse mesmo ano, associou-se ao empresário Roberto Simonsen e juntos abriram a avenida Rui Barbosa que, contornando o morro da Viúva, ligava os bairros cariocas do Flamengo e Botafogo.

Em 1921, iniciou sua carreira no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, no Rio de Janeiro, primeiro como auxiliar de químico, quando trabalhou com o químico inglês Theodore Lee, e depois, em 1923, após aprovação em concurso, como petrógrafo. No exercício dessas funções, descreveu dois novos minerais: arrojadita, em 1924, e eschwegeíta, em 1926, em homenagem, respectivamente, aos geólogos e engenheiros de minas Miguel Arrojado Lisboa e Wilhelm Eschwege Também nesses anos, descreveu o meteorito encontrado em Serra do Magé (PE), em 1927, juntamente com Luciano Jacques de Moraes, e iniciou, em 1929, o estudo das rochas graníticas, desenvolvendo uma nova concepção sobre a gênese delas (o resumo dessas ideias seria publicado em 1938, na Alemanha, sob o título *Das problem der Granitbildung*).

Afastou-se do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil em 1931 e no ano seguinte, transferiu-se provisoriamente para organizar o Serviço Geológico do Estado de Minas Gerais (denominado posteriormente Serviço da Produção Mineral). De volta ao Rio, em 1933 foi nomeado assistente-chefe do Instituto Geológico e Mineralógico do Brasil e dois anos depois foi convidado para organizar o setor de geologia da recém-criada Escola de Ciências da Universidade do Distrito Federal, também no Rio de Janeiro. Ainda em 1935, assumiu a direção do Laboratório de Produção Mineral, no qual instalou uma estação experimental para tratamento de minérios.

Retornou a Minas Gerais em 1938, dessa vez para tornar-se diretor da Companhia de Mineração Juca Vieira, localizada em Caeté e que explorava ouro. No ano seguinte assumiu mais um cargo na iniciativa privada: consultor e diretor técnico da Companhia Brasileira de Mineração. Desempenharia essas funções até 1945. Em 1941, foi homenageado por Caio Pandiá Guimarães e Octávio Barbosa, que denominaram djalmaíta minério radioativo de urânio que haviam descoberto no interior de Minas.

Em 1944, assumiu a direção do setor de geologia e geoquímica do recém-criado Instituto de Tecnologia Industrial de Minas Gerais (ITFI/MG), integrante da Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho de Minas Gerais. Em 1946, foi eleito o primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Geologia, fundada em maio de 1945 e da qual já era sócio efetivo. Em 1948, começou a lecionar na Escola de Minas de Ouro Preto e na Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde permaneceria até 1950. Ainda em 1948, além das atividades docentes, descreveu dois novos minerais descobertos na região de Poços de Caldas, a pennaíta e a geannettita, nome dados em homenagem aos geólogos e engenheiros Santos Penna e Américo Giannetti.

Participou diretamente, em 1950, da descoberta de mina de urânio em Volta Grande, nas proximidades de São João Del Rei, e, no ano seguinte de jazidas de apatita (fosfato) e de pirocloro (nióbio) em Araxá, que fizeram do Brasil o maior produtor de nióbio do mundo. Esses minérios eram estratégicos no mundo do pós-guerra, quando uma das discussões mais em voga era exatamente em torno da energia atômica. Foi nesse contexto que Djalma foi convidado, em 1951, para participar como conselheiro e depois como chefe do Setor de Pesquisas Geológicas, da Divisão Técnico-Científica do Conselho Nacional de Pesquisas (atual Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq), criado naquele ano. Foi também em 1951 que ele se tornou conselheiro da Academia Brasileira de Ciências, funções que desempenharia até 1954.

Ainda no ano de 1951, foi designado pelo governador de Minas Gerais Juscelino Kubitschek para constituir a comissão técnica responsável pela criação de um órgão estadual ligado à energia atômica, o que viria a ser o Instituto de Pesquisas Radioativas (IPR), hoje Centro de Desenvolvimento da Tecnologia Nuclear (CDTN). Em 1953, foi indicado para o cargo de diretor técnico-científico da empresa paraestatal Fertilizantes de Minas Gerais – Fertisa S.A. Em 1955, a Assembleia Legislativa mineira concedeu-lhe um prêmio em agradecimento e reconhecimento aos seus trabalhos e por ter doado a patente de um novo processo de fertilizantes a partir da apatita da mina de Araxá. No ano seguinte, foi nomeado para o cargo em comissão de chefe do Serviço de Geologia e Geoquímica do ITI.

Descreveu, em 1958, o meteorito que foi recolhido no córrego do Areado, em Patos de Minas. Em 1960, foi convidado pela Prefeitura de Belo Horizonte para assessorar o levantamento e a exploração das reservas minerais localizadas no

município. Lecionou geologia no Departamento de História Natural da UFMG, entre 1963 e 1967, ano em que assumiu o cargo de consultor científico do Departamento Nacional da Produção Mineral. Em 1971, foi indicado pelo Ministério das Minas e Energia para compor comissão destinada a relacionar relatórios, trabalhos técnicos e mapas da área da geologia.

Doutor *honoris causa* pela UFOP e pela Universidade de Lisboa, foi autor de 240 publicações nos diferentes campos da geologia. Na mineralogia, realizou diversos estudos analisando e descrevendo novos minerais, especialmente os niobotantalatos. A geoquímica foi outro campo em que se destacou como pioneiro no Brasil.

Faleceu em Belo Horizonte, em 10 de outubro de 1973.

Em 1974, foi homenageado com a criação do Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães, da Fundação Municipal de Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte. Muitos anos depois, a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM) – empresa dedicada à extração do pirocloro de Araxá e a partir do qual produz o ferro-nióbio, usado na produção de aços de baixa liga e alta resistência, e o óxido de nióbio, com ampla utilização nas indústrias eletrônica e ótica – constituiu a Fundação Djalma Guimarães, que desenvolve uma ampla gama de trabalhos sócio-educacionais e comunitários. Em 2006, uma nova espécie mineral foi denominada guimarãesita em sua homenagem.

#### **Fontes:**

Monteiro, Suely; OLIVEIRA, Gabriela. Síntese histórica – Djalma Guimarães. In: <https://www.slideshare.net/SuelyMonteiro/sntese-djalma>

DUTRA, Cláudio Vieira. Resgatando a memória de nossa geoquímica. História do Instituto de Tecnologia Industrial de Minas Gerais e a atuação do cientista Djalma Guimarães

Rem: Rev. Esc. Minas vol.64 no.3 supl.1 Ouro Preto July/Sept. 2011

<http://dx.doi.org/10.1590/S0370-44672011000400001>

MARCIANO, Vitória Régia. Um mestre que amava a Terra. *Diversa* – Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, ano 5, nº 11, maio 2007. Disponível em

<https://www.ufmg.br/diversa/11/artigo4.html>

<http://araxarevista.com.br/2016/12/14/o-visionario-djalma-guimaraes-e-o-niobio-de-araxa/>

<http://www.sinproprp.org.br/Premio/premio1982-1.htm>

**Observação:** Como Prof. Djalma Guimarães

25/05/1956 Aquisição de material para Laboratório de Espectrografia Auxílio

19/07/1956 Aquisição de um fluorímetro US\$1.800 Auxílio

26/09/1956 Bolsa de chefe de pesquisas Cr\$28.900/mês por dois anos  
21/11/1956 Pesquisas no gabinete e no campo Cr\$380 mil Auxílio  
26/07/1960 Investigações de problemas geoquímicos do córrego do Onça Cr\$381  
mil Auxílio  
22/03/1961 Coleta de amostras de rochas vulcânicas Cr\$324.840 Auxílio  
14/12/1964 Cadeira de Geologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas  
Gerais Equipamento para microscópio Zeiss, coleção de líquidos, confecção de  
lâminas Cr\$5.270.000,00